



Mulheres quilombolas e a luta pelo reconhecimento *Quilombola women and the struggle for recognition*

VATTATHARA, Saritha¹; ZARNOTT, Alisson²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sarithadenardi@gmail.com; ² Universidade Federal de Santa Maria, alisson.zarnott@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia.

Resumo: Este trabalho busca por meio do aporte teórico da teoria da Luta pelo Reconhecimento de Axel Honneth compreender de que forma as mulheres de duas comunidades quilombolas do estado do Rio Grande do Sul, a comunidade de Linha Fão e a comunidade Júlio Borges, protagonizaram e reconstruíram suas identidades em três esferas sociais: na reprodução socioeconômica da família, na organização da vida comunitária e na construção do reconhecimento da comunidade, seja ele para “dentro” e para “fora” dela. O trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica e com entrevistas abertas às mulheres das duas comunidades. Constatou-se que as mulheres têm papel central na reprodução da vida social da família por meio do trabalho doméstico e da produção de alimentos para o autoconsumo; trabalham em prol da organicidade da comunidade e da preservação de suas culturas; assumem o papel político de coordenar as atividades e participar dos espaços proporcionados pelas instituições públicas.

Palavras-chave: Axel Honneth; Comunidade Quilombola; Gênero.

Keywords: Axel Honneth; Quilombola Communities; Gender.

Introdução

O tema deste trabalho surgiu instigado pelo envolvimento da autora no Programa de Extensão em Desenvolvimento Territorial do Território Centro Serra onde, por meio da atuação e participação no Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET), desenvolveu ações ao longo do ano de 2018 nas comunidades quilombolas Linha Fão e Júlio Borges, localizadas respectivamente nos municípios de Arroio do Tigre e Salto do Jacuí.

A proximidade com as comunidades e os desafios encontrados ao longo do trabalho suscitaram questionamentos quanto a o que a universidade vem ofertando para esse público e de que maneira poderia ser retribuído o conhecimento agregado ao longo do curso, ofertado de maneira gratuita e de qualidade.

As atividades, as reuniões, as plenárias, palestras e visitas que envolviam a equipe do NEDET e as comunidades apresentavam uma questão instigadora: em todas participavam, principalmente, as mulheres quilombolas. Ao contrário de outros arranjos sociais, quem está à frente da reconstrução do reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos são grupos de mulheres da comunidade, elas se constituíam enquanto sujeitos políticos e formadoras da identidade e da preservação da cultura e da história daquele local e daquelas pessoas.



Para compreender o papel das mulheres enquanto sujeitos políticos que participam da luta por reconhecimento, recorreu-se ao aporte teórico de Axel Honneth, que em sua obra “A Luta pelo Reconhecimento” sustenta a tese de que a identidade dos indivíduos se determina por um processo intersubjetivo mediado pelo mecanismo do reconhecimento. A busca por este reconhecimento se dá através de três dimensões - do amor, da solidariedade e do direito, e não pela inclusão econômica. A ausência de reconhecimento intersubjetivo e social seria o mote dos conflitos sociais (HONNETH, 2009).

Percebendo a importância das mulheres dentro da comunidade e fora dela como trabalhadoras rurais, esse trabalho tem por objetivo compreender o papel das mulheres quilombolas, dentro e fora das comunidades, em seus processos de autoreconhecimento e reconhecimento. Para isso dividiram-se três esferas a serem analisadas: seu papel na reprodução econômica da família; na manutenção e reprodução social da vida da comunidade; seu protagonismo no auto-reconhecimento da comunidade e de seu reconhecimento na sociedade quando participam dos espaços sociais, políticos e institucionais

Metodologia

O desenvolvimento desta pesquisa tem como base metodológica a pesquisa qualitativa. As entrevistas foram feitas nas comunidades e foram de caráter aberto, para garantir a fluidez do relato. As falas foram gravadas para posterior transcrição, sistematização e síntese apresentado no presente resumo.

A lente analítica usada é a Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth (2009) que se constitui como uma formulação teórica profícua para a compreensão de processos sociais de lutas em situações de conflito, que constrói um elo entre experiências subjetivas e processos de subjetivação e movimentos coletivos, que se reverberam em lutas políticas (BARGAS, 2017).

Nesse trabalho adota-se, também, a noção de *lugar de fala* construída pela socióloga Patricia Collins. Aborda-se o *lugar de fala* atrelado à matriz de dominação, conceito que auxilia a compreender a interseccionalidade entre as opressões que determinam o lugar na sociedade de determinada pessoa ou grupo social. (RIBEIRO, 2017).

As entrevistas afirmam importantes relatos das mulheres e suas experiências pessoais e devem ser compreendidas como uma realidade consequente das condições sociais que constituem o grupo ao qual elas pertencem, ou seja, mulheres negras de comunidades quilombolas.

Resultados e Discussão



As mulheres negras estiveram presentes de maneira ativa em todos os acontecimentos da história brasileira, desde o período colonial até os dias atuais. Desde o período colonial eram as mulheres que permitiam, por meio do trabalho na agricultura, a perpetuação da vida da família negra na senzala ou no quilombo, e a manutenção de culturas, técnicas de cultivo e outros fatores. De acordo com Dorneles (2016), a relação do negro com a terra, faz parte de sua raiz cultural. A agricultura era a possibilidade de manter a sua identidade e autonomia, pois através da terra poderia plantar aquilo que tradicionalmente era sua base alimentar e seu sustento econômico e social.

Essa característica é elemento fundamental para compreender o papel das mulheres quilombolas dentro de seu núcleo familiar e dentro da própria comunidade. Ela, por mais que esteja sujeita a esfera de opressão de gênero, quando está no seu grupo étnico e cultural cumpre um papel totalmente diferente das mulheres brancas da sociedade rural ou urbana branca. Destaca-se na Linha Fão e na Júlio Borges uma maior igualdade sexual no trabalho, onde mulheres e homens, mais antigamente do que nos dias atuais, dividiam os serviços na lavoura dos patrões.

A mulher mais antiga da comunidade Linha Fão ao relembrar as primeiras tarefas incumbidas às crianças menores lembra as vezes em que, para amamentar os filhos pequenos, levava-os nas lavouras para que as mães, empenhadas a trabalhar nas terras dos patrões, pudessem alimentá-los. Outro depoimento que traz fortemente a presença da mulher na labuta externa para contribuir de igual para igual com o “homem da família” é de uma mulher da Júlio Borges, em que conta o período de trabalho na abertura dos garimpos de Salto do Jacuí.

Eu trabalhava na lavoura e no garimpo, não tinha outra opção. O garimpo naquela época era “lavra”. Hoje tem garimpo também, mas não mais de abrir buraco, de cavoucar que nem antigamente. Agora é com máquina. Antes era nós que abria buraco e tirava pedra, muita mulherada. [...] Hoje não é mais aquela judiaria de antes. Porque eu cavoquei até grávida, escavando mesmo assim, até uma semana antes de ganhar meu guri mais velho. Eu trabalhei até os nove meses, e uma semana antes de parir eu parei, eu não sentia nada (KÊNIA, fragmento de entrevista).

Além do trabalho externo há o de manutenção de hortas, o de produção de subsistência com o raro comércio do excedente nas feiras locais. Há um reconhecimento do trabalho que de maneira geral é “invisível” nas famílias brancas. Existe a compreensão por parte dos homens e das crianças das comunidades de que quem coordena a dinâmica da família são elas. Também há maior flexibilidade a respeito das tarefas domésticas devido ao fato de que as mulheres também trabalham fora de casa. Outro exemplo disso foi o fato de que em algumas ocasiões em que houve reuniões ou atividades da EMATER ou do NEDET Centro Serra que envolviam o almoço, os pais cumpriam as tarefas de casa, o preparo do almoço e das crianças para a escola para que a esposa pudesse participar da atividade.



Além do trabalho fora da comunidade, nota-se a importância dada pelas mulheres à agricultura de autoconsumo. Para elas, garantir o alimento para a família é se reconhecer enquanto pessoas humanas emancipadas, que não dependem das sobras dos patrões como antigamente.

Muitas das mulheres da comunidade hoje trazem nos relatos, o orgulho do fato de terem criado todos os filhos sozinhas, ou sem os fazer passar fome, ou sem que eles estivessem hoje envolvidos com o tráfico ou mortos. Ser uma mulher quilombola e conseguir sustentar os filhos, por meio de alimentação plantada e colhida por elas mesmas, é uma forma de reconhecimento.

Dentro da comunidade uma figura presente era o da parteira. Por estarem localizadas longe dos centros urbanos ou de hospitais e em lugares de difícil acesso para uma ambulância ou um carro, as mulheres lidavam com a gravidez e o nascimento de maneira muito natural. A mulher mais antiga da Linha Fão, mãe de dez filhos ao total, relata

Eu mesmo ganhava meus filhos, cortava os umbigos, e já limpava o nenem. Doutor não faz coisa nenhuma melhor, eles botam aqueles bairas prendedor desse tamanho no umbigo das crianças. Tem que medir assim, quatro dedos, corta aqui dobra as pontas, e depois tu ata (amarra) bem forte, no outro dia da tarde já tá caído. Eu ganhei os meus e fiz tudo sozinha. Eu fazia sozinha, aprendi com a mãe, a mãe que era parteira e nunca tive problema (DANDARA, fragmento de entrevista).

A rede de sociabilidade dentro da comunidade é intrinsecamente composta por mulheres. Por ter de priorizar em alguns momentos os afazeres da casa, ou participar de tarefas como lavar as roupas nos rios, construiu-se esse universo de fortalecimento social entre elas, fazendo com que as mesmas se organizassem de maneira mais intensa do que os homens, cujo compromisso era majoritariamente cumprido fora da comunidade.

Em outros arranjos sociais é possível enxergar as mulheres trabalhando e elaborando produtos alimentícios tradicionais, mas não os comercializando nas feiras, tarefa atribuída aos maridos ou aos pais. Nas comunidades quilombolas as mulheres se envolvem na fabricação de produtos, na venda e no gerenciamento da renda obtida por meio deles. Há outro aspecto interessante a respeito do envolvimento das mulheres nas duas comunidades. As lideranças atuais das associações de comunidades são duas mulheres.

As mulheres, por fim, tiveram papel determinante na construção da identidade quilombola. Em parte pelo fato de serem as portadoras dos usos e costumes antigos, em parte por não terem receio de contar suas histórias aos jovens, permitindo o ressurgimento do “ser quilombola”.

Os espaços proporcionados pelas instituições públicas, como a Prefeitura ou a Universidade, se tornaram oportunidades para que elas por meio de feiras, mostras,



seminários, etc. pudessem ressignificar suas histórias e fomentar suas lutas pelo reconhecimento.

Conclusões

Conclui-se com esse trabalho reafirmando a importância das mulheres negras na preservação das comunidades quilombolas, não somente enquanto sujeitos que participam do trabalho e da renda familiar, mas também como preservadora de suas histórias, culturas e tradições. Pôde-se ir mais afundo por meio da teoria do reconhecimento de Honneth e compreender que por meio de um processo histórico de negação de direitos e de desrespeito nas esferas do amor, do direito e da solidariedade perpetuam-se dificuldades e marcas nas comunidades quilombolas e fora delas.

Elas, por meio da família conseguem resgatar sentidos de amor, solidariedade e de reconhecimento, e transmitir eles para as futuras gerações, quebrando aos poucos o ciclo de violência que se perpetuou desde o período do Brasil colonial. Por meio das atividades em que elas participam repassam à comunidade o sentido real de ser quilombola, enquanto a concretização da resistência ao sistema escravocrata. Através das reuniões, das plenárias, dos “negócios comunitários”, se constituem como lideranças e referências para as e os demais remanescentes do quilombo, se reafirmando enquanto sujeitos políticos, saindo da invisibilidade e apontando, inclusive, os verdadeiros responsáveis pela situação em que hoje se encontram.

É importante que além das histórias de sofrimento e trabalho repassadas dos mais antigos para os mais novos, sejam contadas também as histórias de conquistas, de luta e de vitória de um povo que encontrou no meio de lugares inóspitos, espaços para reconstruir suas comunidades, com suas regras e suas visões de mundo. E quem tem feito esse trabalho de lembrar, manter a memória e repassar são as mulheres quilombolas, sendo elas as principais responsáveis pela reprodução social da comunidade e seu reconhecimento interno e para fora dela.

Referências bibliográficas

BARGAS, J. K. R.; CAL, D. **Entre lutas por reconhecimento e relações de poder: o papel das mulheres na organização sociopolítica do movimento quilombola no Pará, Brasil.** In: 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, 2017, Montevideu. Anais do 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, 2017.

DORNELES, Cinara Fernandes. **Estratégias Socioeconômicas da Comunidade Quilombola de Júlio Borges frente ao cenário do desenvolvimento agrário da região do Alto Jacuí/RS.** 2016.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** Tradução de Luis Repa. São Paulo: Editora 34; 2009.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017